



Esta coleção tem como objetivo proporcionar textos que sejam acessíveis e de indiscutível seriedade e rigor, que retratem episódios e momentos marcantes da História, seus protagonistas, a construção das nações e as suas dinâmicas.

# ÍNDICE

PREFÁCIO .....	15
INTRODUÇÃO .....	19
CAPÍTULO 1 .....	27
Thule, Nydam e Gamla Uppsala	
<i>A Origem dos Vikings</i>	
CAPÍTULO 2 .....	61
Lindisfarne, Athelney e Iorque	
<i>Os Vikings em Inglaterra (789–954)</i>	
CAPÍTULO 3 .....	97
Dorestad, Paris e Rouen	
<i>Os Vikings na França (799–939)</i>	
CAPÍTULO 4 .....	129
Iona, Dunkeld e as Órcades	
<i>Os Vikings na Escócia (795–1064)</i>	
CAPÍTULO 5 .....	157
Dublin e Cashel	
<i>Os Vikings na Irlanda (795–1014)</i>	
CAPÍTULO 6 .....	185
Sevilha e Luni	
<i>Os Vikings em Espanha e no Mediterrâneo (844–861)</i>	

CAPÍTULO 7.....	195
Kiev, Constantinopla e Bolgar	
<i>Os Vikings na Europa de Leste (até 1041)</i>	
CAPÍTULO 8.....	231
Thingvellir, Brattahlid e L'Anse aux Meadows	
<i>Os Nórdicos no Atlântico Norte (835–1000)</i>	
CAPÍTULO 9.....	269
Maldon, Londres e Stamford Bridge	
<i>A Segunda Era Viking em Inglaterra (978–1085)</i>	
CAPÍTULO 10.....	293
Hedeby, Jelling e Stiklestad	
<i>Os Reinos Escandinavos (até 1100)</i>	
CAPÍTULO 11.....	337
Palermo, Jerusalém e Tallinn	
<i>De Viking a Cruzado</i>	
CAPÍTULO 12.....	351
Largs, Reykholt e Hvalsey	
<i>O Declínio dos Vikings</i>	
CRONOLOGIA.....	375
REIS E GOVERNANTES VIKINGS C. 800–1100 .....	379
BIBLIOGRAFIA .....	385
ÍNDICE REMISSIVO .....	395



## PREFÁCIO

# UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA SOBRE OS VIKINGS

Os Vikings foram um fenómeno sem precedentes na história europeia, não por terem contribuído com alguma inovação tecnológica, militar ou cultural — em muitos aspectos, eram até bastante pouco desenvolvidos e até mesmo os seus métodos de construção de navios eram conservadores —, mas pela vasta expansão dos seus horizontes. Anteriormente, nenhum povo europeu vira tanto do mundo como os Vikings viram. Partindo das suas pátrias escandinavas, velejaram para este, descendo os grandes rios da Rússia, atravessando o Mar Negro até Constantinopla e o Mar Cáspio para chegar a Bagdade. A oeste, estiveram ativos ao longo de toda a linha costeira da Europa Ocidental, estabelecendo colónias na Escócia, Inglaterra, Irlanda e França. Os Vikings chegaram mesmo a entrar pelo Mediterrâneo para atacar Itália e o Norte de África. Outros Vikings atravessaram o Atlântico, deixando colónias pelo caminho nas Ilhas Faroé, Islândia e Gronelândia, e foram os primeiros europeus a pisar a América do Norte. São estas vastas interligações, e o ousado espírito que as criou, que dão aos Vikings a sua atração duradoura.

As atitudes para com os Vikings têm mudado ao longo dos anos. Os principais cronistas da Europa medieval eram monges e comprehensivelmente, uma vez que eram vítimas frequentes disso, insistiam em relatar os saques, incêndios e a tomada de prisioneiros (não tinham muito a dizer sobre violações, talvez pelo facto de, por serem homens, terem pouco a temer, pelo menos, nesse aspeto). Os Vikings, a par com os Vândalos e os Godos, que saquearam a Roma Antiga, permaneceram bárbaros assustadores até à era do nacionalismo romântico do século xx.

A imagem medieval dos Vikings como piratas conquistadores passou a ser vista de forma positiva. Os reinos escandinavos tinham ficado estagnados na Europa, faltando-lhes influência no palco mundial e não desempenhando papel algum nas atividades globais de criação de impérios de países como a Grã-Bretanha e a França. A tentação para os Escandinavos de voltarem a uma época mais heroica em que eram quem dominava o mundo era irresistível. Foi neste período que a palavra «Viking» mudou subtilmente o seu significado. Quando utilizavam o termo, os escritores medievais utilizavam «Viking» para descrever especificamente alguém que ia *i víking* («fazer pilhagens»), ou seja, um pirata, não necessariamente um pirata escandinavo. Pensa-se que a palavra significaria originalmente «homens das baías», talvez por ser o local onde os piratas se escondiam na esperança de emboscar um incauto navio mercante. Sob a influência do nacionalismo romântico, no entanto, «viking» tornou-se sinónimo de «escandinavo do início da Idade Média» e o seu uso manteve-se. Também durante esta época, os Vikings foram equipados com os seus romanticamente bárbaros, mas historicamente errados, elmos com chifres (o equívoco teve origem na identificação errada, feita por antiquários, de elmos com chifres da Idade do Bronze como sendo elmos vikings). Estes elmos também ficaram gravados na imaginação popular.

Na segunda metade do século xx, esta imagem essencialmente militar dos Vikings passou a estar sob crescente escrutínio. A arqueologia descobriu evidências de iniciativas vikings pacíficas no campo das artes, do comércio, exploração e colonização, levando a uma visão mais equilibrada das suas vidas. No entanto, também houve uma tendência para minimizar os aspetos violentos da Era Viking como tendo sido meros exageros monásticos. Por um lado, terá sido uma reação exagerada à imagem estabelecida e, por outro, depois de duas horrendas guerras mundiais, as conquistas e a criação de um império já não pareciam atividades tão louváveis para os Europeus. Contudo, a violência esteve sempre no âmago da Era Viking, as suas trocas comerciais eram alimentadas pelos espólios de guerra — especialmente, pelas atividades esclavagistas — e as suas colónias pacíficas eram precedidas de conquistas sangrentas. Este livro não é uma tentativa de mostrar uma imagem equilibrada da vida Viking — tem pouca informação sobre os seus feitos artísticos, sobre a vida quotidiana ou sobre o papel desempenhado pelas mulheres, por exemplo. Em vez disso, tem como objetivo situar os Vikings no seu amplo contexto geográfico e histórico, desde as suas origens pagãs



pré-históricas até à sua transformação em cristãos europeus. Esta abordagem revela que a Era Viking começou e terminou em tempos diferentes e em locais diferentes. Nos países anglófonos, a Era Viking é, por convenção, datada de cerca de 793 (a pilhagem de Lindisfarne) a aproximadamente 1066 (a Batalha de Stamford Bridge), mas a história não é assim tão linear. Na Escandinávia e no Báltico, a Era Viking estava claramente em curso mais de um século antes e, de diversas formas, ainda não tinha terminado um século depois. O último ataque viking registado nas ilhas escocesas não ocorreu até 1240. Nas colónias do norte da Islândia e da Gronelândia, as instituições governamentais e estruturas sociais da Era Viking sobreviveram até ao século XIII. Os Vikings não surgiram repentinamente do nada e as suas vidas atravessaram um longo crepúsculo. É uma longa viagem que começa em Asgard, com a criação do mundo, e termina numa cerimónia de casamento na Gronelândia do século XV.

### **Uma nota sobre ortografia**

Para benefício dos leitores não académicos, utilizei neste livro as grafias modernas inglesas e escandinavas<sup>1</sup> para a toponímia e para a onomástica. No entanto, não considerei apropriado transformar em anglicismos palavras que ainda não existem nesta língua e, nestes casos, foram utilizadas formas de nórdico antigo.

---

<sup>1</sup> A toponímia e a onomástica foram, regra geral, traduzidas para português, tendo sido deixados no original termos que, dada a atual familiarização com os mesmos, preservam de melhor forma a estética do texto. [N. do T.]